



doi: <http://dx.doi.org/10.7213/psicolargum.40.111.A009>

Violência conjugal e *coping*: a negação como estratégia de enfrentamento à violência por mulheres heterossexuais

Intimate partner violence and coping: denial as a strategy to confront violence by heterosexual women

Letícia Ferraz Neis
Universidade do Vale do Rio dos Sinos
<https://orcid.org/0000-0001-8335-336X>
leticiaferrazneis@gmail.com

Denise Falcke
Universidade do Vale do Rio dos Sinos
<https://orcid.org/0000-0002-4653-1216>
dfalcke@unisinobr

Resumo

O fenômeno da violência conjugal apresenta-se como uma questão de saúde pública, sobretudo quando se trata das altas prevalências de violência contra a mulher. No entanto, em uma perspectiva relacional, considera-se que a violência possa ser cometida de diferentes formas e intensidades dentro de uma dinâmica conjugal, com ambos os cônjuges exercendo múltiplos papéis. A violência vivida nas relações íntimas pode estar em grande parte subnotificada e representa um estressor que pode potencializar diversos agravos à saúde mental. Neste sentido, as estratégias de *coping* representam um dos recursos utilizados para o manejo deste estressor conjugal. O presente estudo objetivou comparar as estratégias de *coping* utilizadas por mulheres que sofreram ou cometeram violência conjugal em um relacionamento heterossexual, em relação às que não experienciaram situações de violência. Trata-se de um estudo quantitativo, exploratório, comparativo e transversal, com 96 mulheres participantes acessadas por meio de um questionário online. Através de análises descritivas e Teste Mann-Whitney foi possível identificar índices elevados de violência sofrida e cometida, sobretudo agressões psicológicas, além de um uso significativamente maior da estratégia de *coping* de negação pelas participantes que cometeram e sofreram violência em relação às que não vivenciaram violência. Destaca-se a necessidade de potencializar a discussão e fomentar intervenções com este público, que levem em consideração às estratégias de enfrentamento utilizadas.

Palavras-chave: *Violência conjugal; Estratégias de coping; Relações Conjugais; Saúde mental*

Abstract

The phenomenon of conjugal violence presents itself as a public health issue, especially when it comes to the high prevalence of violence against women. However, in a relational perspective, it is considered that violence can be committed in different ways and intensities within a conjugal dynamic, with both spouses playing multiple roles. The violence experienced in intimate relationships can be largely underreported and represents a stressor that can potentiate several mental health problems. In this sense, coping strategies represent one of the resources used to manage this marital stressor. The present study aimed to compare the coping strategies used by women who suffered or committed conjugal violence in a heterosexual relationship, in relation to those who did not experience situations of violence. This is a quantitative, exploratory, comparative and cross-sectional study, with 96 participating women accessed through an online questionnaire. Through descriptive analyzes and Mann-Whitney test it was possible to identify high rates of violence suffered and committed, especially psychological aggressions, in addition to a significantly greater use of the coping strategy of denial by the participants who committed and suffered violence in relation to those who did not experience violence. The need to enhance the discussion and encourage interventions with this public, which take into account the coping strategies used, is highlighted.

Keywords: *Intimate partner violence; Coping strategies; Marital relationships; Mental health*

Resumen

El fenómeno de la violencia conyugal se presenta como un problema de salud pública, especialmente cuando se trata de la alta prevalencia de violencia contra las mujeres. Sin embargo, en una perspectiva relacional, se considera que la violencia puede cometerse de diferentes formas e intensidades dentro de una dinámica conyugal, con ambos cónyuges desempeñando múltiples roles. La violencia experimentada en las relaciones íntimas puede no ser reportada en gran medida y representa un factor estresante que puede potenciar varios daños a la salud mental. En este sentido, las estrategias de afrontamiento representan uno de los recursos utilizados para manejar este estresor marital. El presente estudio tuvo como objetivo comparar las estrategias de afrontamiento utilizadas por las mujeres que sufrieron o cometieron violencia conyugal en una relación heterosexual, en relación con aquellas que no vivieron situaciones de violencia. Se trata de un estudio cuantitativo, exploratorio, comparativo y

transversal, con 96 mujeres participantes accedidas a través de un cuestionario en línea. Mediante análisis descriptivos y Test de Mann-Whitney se logró identificar altos índices de violencia sufrida y cometida, especialmente agresiones psicológicas, además de un uso significativamente mayor de la estrategia de afrontamiento de la negación por parte de los participantes que cometieron y sufrieron violencia en relación a aquellos que no experimentó la violencia. Se destaca la necesidad de potenciar la discusión y fomentar intervenciones con este público, que tengan en cuenta las estrategias de afrontamiento utilizadas.

Palabras clave: *Violencia de pareja íntima; Estrategias de afrontamiento; Relaciones matrimoniales; Salud mental*

Introdução

O fenômeno da violência conjugal permaneceu durante muito tempo restrito ao âmbito familiar e privado. No entanto, o tema da violência sofrida nos relacionamentos íntimos tornou-se uma preocupação e alvo de ações de saúde pública, considerando a alta prevalência de sua expressão física, sobretudo no que se refere à violência doméstica sofrida por mulheres. As experiências de violência entre o casal podem ser vivenciadas de outras formas além da física, como a agressão sexual, psicológica, moral e patrimonial e apresentam um caráter multideterminado, destacando-se alguns fatores que podem estar associados, como o uso de substâncias (Cezário et al., 2017), vivências na família de origem (Colossi, Marasca & Falcke, 2015), fatores sociodemográficos (Falcke, Boeckel & Wagner, 2017) e de personalidade (Madalena, Carvalho & Falcke, 2018).

A literatura acerca da temática da violência nas relações conjugais recebe grande enfoque de estudos na perspectiva de gênero, principalmente questionando os aspectos culturais de masculinidade e patriarcalismo que influenciam na posição do homem enquanto agressor. No Brasil, dados publicados pelo Atlas da Violência (2019) evidenciam um aumento de 30,9% de homicídios de mulheres devido à violência doméstica entre os anos de 2007 a 2017. Pesquisa realizada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2019) indica uma prevalência de 27,4% de mulheres que sofreram algum tipo de violência ou agressão nos últimos 12 meses, sendo 21,8% referente a ofensas verbais seguido por 16,5% de agressões físicas, como bater, empurrar, chutar, jogar objetos e tentar estrangular. A mesma pesquisa refere que a incidência de violência doméstica prevalece entre as mulheres mais jovens, entre 16 e 24 anos (42,6%) e que 52%

delas não haviam recorrido a nenhum serviço de atenção às vítimas enquanto que 29,6% reportaram a órgãos não oficiais, como amigos, família e igreja.

Sob uma perspectiva relacional, considera-se que ambos os cônjuges podem perpetrar e sofrer diferentes tipos de violências, desde intensidades menores até as mais graves. Compreende-se que as repercussões relacionadas a violência contra a mulher desempenham importante aspecto de atenção como um desfecho que gera impactos psicossociais graves e distintos para as vítimas. No entanto, a violência contra homens tem se tornado parte das investigações que identificam outros marcadores de poder nos relacionamentos, tais como raça, escolaridade, ganhos financeiros, entre outros (Conceição et al., 2018).

Falcke, Boeckel e Wagner (2017) realizaram um estudo quantitativo com 751 casais heterossexuais a fim de mapear o fenômeno da violência conjugal no estado Rio Grande do Sul, Brasil. Através de análises descritivas, as autoras identificaram altos índices de violência psicológica menor cometida por ambos os cônjuges, em que 83,9% das mulheres revelaram ter agredido seu parceiro, enquanto 78,7% dos homens também reconheceram a perpetração deste tipo de violência. Quando comparados em relação aos tipos de violência cometida, houve diferenças significativas entre homens e mulheres, sendo a violência psicológica menor e grave mais cometida pelas mulheres, enquanto os homens cometeram significativamente mais coerção sexual.

Partindo deste aspecto, entende-se que, ainda que existam marcadores sociais que influenciam nas relações de poder vivenciadas na relação entre parceiros íntimos, outros fatores também podem estabelecer uma disfuncionalidade e impactar na conjugalidade. Neste sentido, além dos aspectos relacionais (dinâmica, ajustamento conjugal) e contextuais (suporte social, características sociodemográficas), os fatores individuais representam importante papel relacionado ao manejo dos recursos de enfrentamento assumidos frente à vivência da violência conjugal. Demarcadores constitutivos dos sujeitos, como personalidade (Madalena, Carvalho & Falcke, 2018), esquemas iniciais desadaptativos (Barbosa et al., 2019) e experiências na família de origem (Colossi, Marasca & Falcke, 2015), vêm demonstrando relevância como parte da avaliação deste fenômeno.

A violência conjugal vivida nas relações afetivas caracteriza-se como um evento estressor e fator de risco à integridade física e mental das vítimas, podendo desencadear sintomas de depressão, ansiedade e estresse pós-traumático (Zancan & Habigzang, 2018). No campo da psicologia, o conceito de *coping* é foco de estudos em diferentes fenômenos e tem sido associado como um dos fatores de enfrentamento utilizado por pessoas que vivenciam violência conjugal (Flanagan et al., 2014). Tal estratégia se caracteriza como uma resposta adaptativa comportamental e/ou cognitiva do sujeito frente ao evento estressor, com foco na emoção ou no problema (Folkman & Lazarus, 1980).

Entre as mulheres que sofreram violência conjugal, estudos prévios têm indicado a existência de altos índices de uso de álcool e outras drogas, além da busca pela crença religiosa, indicando a utilização de estratégias de *coping* focadas na emoção (Rizo, 2015; Costa et al., 2018). Na literatura nacional, estudos que considerem o *coping* utilizado por mulheres em relação ao seu parceiro, a partir de uma visão da dinâmica conjugal violenta, são escassos. Neste sentido, investigações que busquem avaliar o enfrentamento deste estressor podem subsidiar uma maior compreensão do fenômeno e oferecer ferramentas às intervenções clínicas nestas situações.

Violência Conjugal

A violência em suas diferentes expressões é compreendida pela OMS (2002, p. 5) como “um uso intencional de força ou poder que pode gerar lesão, morte, dano psíquico, alterações no desenvolvimento ou privações”. Mundialmente, o termo *intimate partner violence* têm sido um descritor comum para caracterizar o fenômeno da violência nas relações íntimas, abarcando uma compreensão mais ampla e que contempla o sofrimento e perpetração da violência entre parceiros íntimos.

Neste campo de investigação, existem diferentes perspectivas teóricas de pesquisa. A violência doméstica destaca-se mundialmente devido ao seu alto índice e repercussões na saúde dos sujeitos envolvidos, e ganhou grande enfoque de investigações a partir dos movimentos feministas, que destacam a gravidade da violência contra a mulher evidenciando a assimetria de poder nas relações, nas quais o homem encontra-se no papel de agressor e a mulher de vítima (Rosa & Falcke, 2014). Estes estudos partem da compreensão do gênero como marcador primário do fenômeno da violência contra a

mulher, considerando principalmente as diferenças históricas construídas socialmente pelo modelo patriarcal. Nesta perspectiva, compreende-se que as mulheres, ainda que usem da violência contra o seu parceiro, o farão como forma de defesa e não agressão direta.

Por outro lado, abordagens sociológicas da família compreendem o fenômeno a partir do conflito familiar que ocorre dentro de um sistema violento, em que o uso da violência contra o parceiro íntimo visa a resolução de conflitos da dinâmica relacional dos cônjuges (Conceição et al. 2018). A partir desta visão, o gênero é um importante marcador de poder a ser analisado, mas não o único. A simetria de gênero, neste sentido, pode existir em alguns relacionamentos violentos e ser compreendida por seu caráter relacional, em que se considera o uso da violência por ambos os parceiros, em diferentes medidas e expressões, que pode suceder uma escalada na violência até atingir níveis mais graves e letais (Conceição et al. 2018). Straus et al. (1996) propuseram que, neste fenômeno, os sujeitos podem manifestar diferentes formas de vivenciá-la, conceituadas por eles como agressões físicas, psicológicas, sexuais e lesões corporais. Sob este ponto de vista, no Brasil, o conceito de violência conjugal tem sido utilizado como forma de contemplar a multiplicidade do fenômeno (Rosa & Falcke, 2014), e servirá de embasamento para o presente estudo.

Em contexto nacional, têm sido destacados os altos índices de violência psicológica cometida e sofrida entre os cônjuges. Estudo realizado na região sul do Brasil com população heterossexual revelou que 86,59% das mulheres haviam cometido este tipo de violência, enquanto, entre os homens, o índice foi de 85,63%, e ainda evidenciou maior ocorrência de coerção sexual cometida pelos homens, enquanto as mulheres destacaram-se enquanto agressoras na dimensão de violência psicológica (Colossi et al., 2015).

A violência vivenciada em relação aos parceiros íntimos representa uma preocupação de saúde pública sobretudo quando atinge níveis mais graves, no entanto, principalmente em suas expressões menos lesivas, encontra-se em grande parte subnotificada ou até mesmo naturalizada nos relacionamentos (Mascarenhas et al., 2020). Nesse sentido, as pessoas tendem a buscar estratégias para lidar com a situação, dentre

elas, as estratégias de *coping* estão relacionadas ao manejo emocional e/ou comportamental do estresse vivenciado.

Coping

A vivência de situações estressoras tem sido tema de investigação em diferentes contextos no campo da saúde. Entende-se que o sujeito que vivencia situações de estresse utiliza diferentes estratégias de enfrentamento, como os recursos contextuais que caracterizam um suporte social formal (serviços de atenção à saúde) ou informal (familiares, amigos), mas também utiliza estratégias individuais.

O presente estudo abordará as estratégias individuais de enfrentamento sob a perspectiva do conceito de *coping*. No campo da psicologia, Folkman e Lazarus estudaram amplamente este construto e o consolidaram na literatura enquanto uma dimensão psicológica de investigação. Para os autores, as estratégias de *coping* são compreendidas como um processo dinâmico e situacional entre o ambiente e o indivíduo, no qual o sujeito faz uso de esforços cognitivos e comportamentais conscientes, com a finalidade de gerir as demandas internas e externas geradas pelo evento estressor (Folkman & Lazarus, 1980). Sob esta perspectiva, são identificadas as funcionalidades de *coping* focado na emoção e *coping* focado no problema, sendo a primeira estratégia utilizada para reduzir os efeitos físicos e emocionais causados pelo evento estressor, enquanto o segundo foca em estratégias que visam interferir no evento gerador de estresse. Tais estratégias podem ser articuladas pelo indivíduo de forma conjunta ou isolada em determinada situação estressora, mas as estratégias com foco no problema tendem a ser mais utilizadas pelos sujeitos quando eles sentem que algo efetivo pode ser feito para reduzi-la, e por outro lado, o foco na emoção é mais utilizado quando o indivíduo entende que precisa suportá-la (Folkman & Lazarus, 1980).

Ainda que partam do conceito fundamentado por Folkman e Lazarus, outros autores questionam o caráter situacional das estratégias de *coping*. Carver, Scheier e Weintraub (1989) reforçam diferenças existentes entre estratégias e estilos de *coping*, acrescentando que o sujeito pode possuir um repertório de estilos de enfrentamento, que seriam mediados por características de personalidade, mantendo-se estáveis ao longo do tempo como um processo contínuo e não característico de um evento específico. Não há

consenso na literatura acerca do caráter situacional ou disposicional do *coping* e ainda que possuam caráter de enfrentamento, as estratégias podem ser adaptativas/funcionais ou mal adaptativas/disfuncionais.

Diante do exposto, compreende-se que o *coping* enquanto forma de enfrentamento de situações adversas abre um campo de investigações acerca das diferentes repercussões potencializadas nos sujeitos que vivenciam um evento estressor. Entende-se que a maneira com que os sujeitos enfrentam estas situações pode repercutir em sua saúde e qualidade de vida, bem como nas maneiras individuais encontradas para reduzir o impacto deste estressor. (Rizo, 2015).

Violência conjugal e estratégias de *coping*

A violência em suas diferentes expressões pode ser caracterizada como uma condição estressante aguda, pois potencializa respostas fisiológicas, emocionais e psíquicas, e pode ser disparador de condições de adoecimento mental, como ansiedade, depressão e transtorno de estresse pós-traumático (Zancan & Habigzang, 2018). No entanto, no contexto da violência conjugal existem poucos estudos acerca das estratégias de *coping* utilizadas pelas mulheres envolvidas em uma relação conjugal violenta, sendo predominante investigações que visem apenas sua perspectiva enquanto vítima de violências graves. Parra e Holanda (2016) realizaram uma revisão de literatura acerca de produções científicas brasileiras que tratassem da temática da violência sofrida por mulheres e as estratégias de enfrentamento utilizadas, e identificaram, entre os anos de 2000 a 2013, estudos que tratavam principalmente do conceito de *coping* apenas como aporte teórico e não diretamente como uma investigação.

Em uma amostra brasileira de 39 mulheres que sofreram violência conjugal, através de análise do discurso, emergiram categorias de enfrentamento focado na emoção e religião, indicando que as mulheres vítimas utilizaram principalmente de estratégias pautadas na esquiva, fuga e autodefesa, bem como a busca de suporte emocional na crença religiosa (Costa et al., 2018). Internacionalmente, o uso da religião e de estratégias focadas na emoção como enfrentamento da violência sofrida corroboram estes resultados encontrados na amostra brasileira (Rizo, 2015), além de indicarem neste público índices de abusos de substâncias como álcool e drogas (Flanagan et al., 2014).

Morán et al. (2014) identificaram diferenças nas estratégias de *coping* utilizadas por homens e mulheres em uma amostra brasileira de 899 sujeitos. Ainda que as autoras não tratassem sobre a temática da violência conjugal, foi possível identificar diferenças entre as estratégias de enfrentamento, visto que as mulheres utilizavam mais apoio social, emocional e espiritual, enquanto os homens utilizavam mais estratégias focadas na solução, humor e uso de substâncias. Tais resultados corroboram outras evidências que demarcam diferenças relacionadas ao gênero frente às estratégias de manejo do estresse (Liddon, Kinglerlee & Barry, 2017). Ainda, características como idade e tempo de relacionamento demonstraram ser importantes aspectos a serem considerados na compreensão da violência conjugal (Falcke, Boeckel & Wagner, 2017; Mascarenhas et al., 2020) e possivelmente nos modos de enfrentamento.

Sommer, Babcock e Sharp (2017) buscaram avaliar as características individuais em relação à compreensão diádica da violência vivenciada por uma amostra de 163 casais. Neste estudo, identificou-se que a perpetração da violência ocorreu de forma bidirecional entre os cônjuges, e que as características individuais de apego foram preditoras de violência. Além disto, perspectivas diádicas têm considerado a importância da avaliação das estratégias de *coping* frente à dinâmica relacional como preditor de ajustamento entre o casal.

Objetivos

Entende-se que as estratégias de enfrentamento podem impactar em respostas funcionais ou disfuncionais diante das situações estressoras vividas no relacionamento íntimo. Frente a isto, o objetivo deste estudo é comparar as estratégias de *coping* utilizadas por mulheres que sofreram ou cometeram violência conjugal em um relacionamento heterossexual, em relação às que não experienciam situações de violência. Mais especificamente, buscou-se identificar os tipos de violência conjugal sofrida e cometida, identificar as estratégias de *coping* utilizadas pelas participantes e avaliar se existem associações entre a idade, tempo de relacionamento, estratégias de *coping* utilizadas e as violências vivenciadas.

Método

Delineamento

Trata-se de um estudo quantitativo, exploratório, comparativo e transversal.

Participantes

As participantes foram acessadas através da Internet, por meio de convites enviados e divulgados em páginas de redes sociais e e-mail, constituindo uma amostragem “bola de neve”, uma vez que as participantes foram convidadas a encaminhar a pesquisa às suas conhecidas. Como critérios de inclusão, foram selecionadas mulheres maiores de 18 anos que estivessem em uma relação afetiva heterossexual há pelo menos 6 meses.

Participaram 96 mulheres de orientação heterossexual, em sua maioria residentes do Rio Grande do Sul (76%). Possuíam idades entre 18 e 60 anos ($m=31,99$; $DP=9,32$) e tempo médio de 8,97 anos de relacionamento ($DP=6,68$ anos). A Tabela 1 apresenta outras características sociodemográficas da amostra.

Tabela 1.

Dados sociodemográficos.

Variáveis	%
Cor/Raça	
Branca	80,2
Preta	4,2
Parda	11,5
Não declarou	2,1
Renda mensal	
Até R\$2.000,00	12,5
De R\$2.000,00 a R\$4.000,00	29,2
De R\$4.000,00 a R\$10.000,00	44,8
De R\$10.000,00 a R\$20.000,00	13,5
Escolaridade	

Ensino Fundamental	2,1
Ensino Médio	18,8
Ensino Superior	43,8
Pós-Graduação	34,4

Demonstra-se que a população do estudo foi predominantemente branca, com renda mensal entre R\$4.000,00 a R\$10.000,00 e com ensino superior. Nesse sentido, os dados obtidos nesse estudo não podem ser generalizados para a população, pois as participantes possuem características de nível socioeconômico médio/alto.

Instrumentos

a) Questionário de dados sociodemográficos: através deste questionário buscou-se identificar características das participantes, como idade, estado civil, tempo de relacionamento, escolaridade e renda.

b) Inventário de Estratégias de *Coping* – (Lazarus & Folkman, 1984 adaptado por Hirsch et al., 2015). Esta escala visa mensurar o *coping* a partir de 36 itens, sendo: 1) reavaliação positiva: buscar identificar e avaliar pontos positivos do evento estressor; 2) planejamento/resolução: analisar e formular um plano de ação; 3) fuga da realidade: evitação ou uso de estratégias voltadas ao futuro 4) afastamento: não resolver a situação, afastando-se 5) aceitação/resignação: ficar de forma passiva diante da situação; 6) negação do problema e dos sentimentos: evitar emocionalmente a situação, negando-o e 7) suporte social: apoio para enfrentar. Os itens seguem uma escala likert de 5 alternativas (1: nunca utiliza a estratégia a 5: utiliza a estratégia com grande frequência.). No estudo realizado por Hirsch et al. (2015), a escala obteve boa consistência interna, com Coeficiente de Alpha de Cronbach de 0,853. No presente estudo o alpha foi 0,922.

c) Conflict Tactics Scale - CTS2 (Straus et al., 1996 adaptado por Moraes, Hasselman & Reichenheim, 2002). Visa avaliar a violência vivida nas relações íntimas. Possui 78 itens divididos em 5 dimensões que visam identificar o fenômeno em relação ao sujeito e ao seu companheiro em formato de checklist, sendo: 1) violência física, subdividida em menor (empurrões, tapas, agarrar, lançamento de objetos, torcer o braço, puxar o cabelo) e grave (soco, chute, queimar, bater, fazer uso de arma de fogo ou faca);

2) agressão psicológica, subdividida em menor (insultos, xingamentos, gritos, ofensas, ameaças, virar as costas em uma briga) e grave (ofensas como chamar de feio, gordo, “ruim de cama”, destruir objeto pessoal); 3) coerção sexual, menor (insistir em fazer sexo, sem uso de força física, obrigar a ter relação sem preservativo) e grave (ameaças e uso de força e armas para forçar uma relação sexual); 4) lesão corporal, menor (torção, contusão, mancha roxa, dores no corpo após uma briga) e grave (necessidade de auxílio médico, desmaio ou quebra de algum membro); 5) negociação: ações usadas como forma de resolver os conflitos, fazendo uso de argumentação, afeto positivo e expressão de sentimentos positivos. Para este estudo foram consideradas as dimensões de violência sexual, física e psicológica menor. Em estudo realizado por Falcke, Boeckel e Wagner (2017), a escala obteve boa consistência interna, apresentando alpha de Cronbach de 0,819. No presente estudo, o alpha foi 0,907.

Procedimentos

Esta pesquisa está vinculada ao grupo de pesquisa Núcleo de Estudos de Família e Violência e faz parte do projeto guarda-chuva intitulado “Violência Conjugal e Adoecimento Mental: papel mediador de variáveis individuais, relacionais e contextuais” que está aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Vale do Rio dos Sinos sob o parecer 3.804.670, seguindo as recomendações da Resolução nº510, de 07 de abril de 2016 que regulamenta as pesquisas realizadas com seres humanos. As convidadas que aceitaram participar da pesquisa assinalaram “Sim” no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido na primeira página do formulário online. No termo, as participantes tiveram acesso as informações de contato das pesquisadoras, bem como os objetivos da pesquisa e as garantias de que suas informações seriam sigilosas e confidenciais. Foi ressaltado que todas as informações obtidas através de suas respostas seriam utilizadas somente para os fins da pesquisa, como forma de investigação do fenômeno em questão.

Os instrumentos utilizados nesta pesquisa possuíam riscos mínimos às participantes, mas entendeu-se que poderiam gerar algum desconforto devido ao fenômeno estudado, porém, as participantes poderiam abandonar a pesquisa a qualquer momento fechando a página do questionário. Os contatos das pesquisadoras foram

disponibilizados às participantes, caso identificassem necessidade de acompanhamento psicológico após a participação na pesquisa.

Após consentir sua participação, foram encaminhadas para o formulário online contendo os instrumentos de coleta, do qual responderam individualmente. O preenchimento do questionário completo teve duração de cerca de 40 min e os dados foram coletados no período de junho a setembro de 2020.

Os dados foram tabulados em um banco criado no programa SPSS 25.0 (Statistical Package for Social Science), adotando como critérios de decisão estatística o nível de significância de 5%. Inicialmente, foi testada a confiabilidade de cada instrumento. Além disso, foi avaliada a distribuição dos dados para a escolha dos testes estatísticos apropriados. Foram realizadas análises descritivas, a fim de identificar as características da população investigada, através de frequência, porcentagem, média e desvio-padrão. Para verificar as diferenças nas estratégias de *coping* entre mulheres que vivenciaram situações de violência e que não vivenciaram foi utilizado o teste de Mann-Whitney.

Resultados

Através de análises descritivas foram identificados os índices de violência física, sexual e psicológica sofrida e cometida por mulheres heterossexuais em suas relações conjugais, conforme resultados apresentados na Tabela 2.

Tabela 2.

Índices de violência física, sexual e psicológica (N=96).

Violência	N	%
Violência física sofrida	25	26,0
Violência física cometida	23	24,0
Coerção sexual sofrida	28	29,2
Coerção sexual cometida	12	12,5
Agressão psicológica sofrida	66	68,8
Agressão psicológica cometida	73	76,0

As médias das estratégias de *coping* utilizadas pelas participantes da pesquisa são apresentadas na Tabela 3, evidenciando que a estratégia mais utilizada foi planejamento (estratégia focada no problema), seguida por fuga (estratégia focada na emoção).

Tabela 3.

Médias das estratégias de coping.

Estratégias de <i>coping</i>	N	Média	Desvio-Padrão
Planejamento	94	2,9539	1,173
Fuga	94	2,8414	1,172
Reavaliação positiva	95	2,8096	1,032
Suporte	95	2,6709	1,046
Afastamento	96	2,6476	1,014
Aceitação	95	2,2111	0,721
Negação	95	2,1211	0,895

A Tabela 4 apresenta os resultados comparativos das estratégias de *coping* entre mulheres que sofreram ou cometeram violência conjugal, realizados através do teste Mann-Whitney, sendo significativos os valores de $p < 0,05$.

Tabela 4.

Comparação das estratégias de coping, conforme as experiências de violência como autoras e vítimas.

Violência física						
	Cometeu	Não cometeu	p	Sofreu	Não sofreu	p
Reavaliação positiva	2,6767	2,8571	0,384	2,6326	2,8630	0,259
Planejamento	2,5972	3,0762	0,075	2,4762	3,0913	0,036*
Fuga	3,2208	2,7039	0,065	3,0755	2,7698	0,275
Afastamento	2,9067	2,5563	0,198	2,9529	2,5514	0,154
Aceitação	2,3447	2,1633	0,709	2,2689	2,1936	0,870
Negação	2,6733	1,9238	0,001**	2,6591	1,9589	0,003**
Suporte	2,6933	2,6629	0,738	2,5758	2,6995	0,760
Coerção sexual						

Reavaliação positiva	2,2917	2,8845	0,082	2,7768	2,8234	0,961
Planejamento	2,4444	3,0285	0,104	2,9048	2,9747	0,884
Fuga	2,7857	2,8495	0,856	2,8452	2,8398	0,954
Afastamento	2,5972	2,6548	0,747	2,5952	2,6691	0,686
Aceitação	1,9750	2,2452	0,254	2,1024	2,2565	0,515
Negação	2,2778	2,0984	0,715	2,0357	2,1567	0,434
Suporte	2,2361	2,7337	0,136	2,7321	2,6453	0,716
Agressão psicológica						
Reavaliação positiva	2,8288	2,7462	0,801	2,8081	2,8132	0,926
Planejamento	2,9306	3,0303	0,795	2,9282	3,0115	0,821
Fuga	2,9732	2,4100	0,053	2,9567	2,5829	0,199
Afastamento	2,7523	2,3152	0,103	2,7222	2,4833	0,355
Aceitação	2,2402	2,1144	0,605	2,2669	2,0839	0,451
Negação	2,2511	1,6894	0,009**	2,2652	1,7931	0,017*
Suporte	2,7475	2,4167	0,203	2,7333	2,5287	0,437

* $p < 0,05$; ** $p < 0,01$

Os resultados obtidos apontam diferenças significativas de estratégias utilizadas entre as mulheres que sofreram ou cometeram violência, em comparação às que não sofreram ou cometeram. Em síntese, destaca-se que, no que diz respeito à violência física, os resultados apontam que as mulheres que não sofreram violência física utilizaram mais estratégias de planejamento ($p=0,036$, $m=3,0913$) em comparação às que sofreram, e que tanto as que sofreram ($p=0,001$, $m=2,6591$) quanto as que cometeram ($p=0,003$, $m=2,6733$) violência física utilizaram mais a estratégia de negação do que as que não experienciaram contextos de violência física. Considerando o sofrimento ou cometimento de coerção sexual, não existiram diferenças significativas entre as estratégias de *coping* utilizadas entre os grupos. Quanto a agressão psicológica cometida e sofrida, existiram diferenças significativas, em que as mulheres que cometeram ($p=0,009$, $m=2,2511$) e sofreram ($p=0,017$, $m=2,2652$) agressão psicológica utilizaram mais a estratégia de negação do que as que não cometeram ou sofreram.

Na análise das associações entre as variáveis de idade e tempo de relacionamento com as estratégias de *coping* e as violências vivenciadas, não foram observadas correlações significativas ($p > 0,05$).

Discussão

As prevalências indicam índices elevados de ocorrência da violência conjugal na relação das participantes deste estudo. As altas porcentagens de violência psicológica encontradas aproximam-se de índices identificados em outros estudos que visavam avaliar este fenômeno nas relações íntimas de populações não clínicas (Colossi, Marasca & Falcke, 2015; Falcke, Boeckel & Wagner, 2017). Esta forma de violência, ainda que vivenciada em grandes proporções nos estudos encontrados, diz respeito a uma forma de agressão subnotificada e muitas vezes naturalizada nos relacionamentos, já que não deixa marcas evidentes em seu cometimento, mas que pode trazer danos à saúde e prejuízos à qualidade de vida, especialmente se vivenciada por longos períodos (Mascarenhas et al., 2020).

Considerando as estratégias de *coping* utilizadas pelas mulheres desta amostra, houve o predomínio, em geral, da utilização da estratégia de planejamento, que tem sido evidenciada na literatura como uma estratégia adequada, referindo-se a análise da situação-problema e formulação de um plano de ação. Todavia, as mulheres vítimas de violência física utilizavam significativamente menos essa estratégia em comparação às que não sofriam, indicando prejuízo na sua capacidade de enfrentamento. O não sofrimento de violência física apontou para um uso significativo maior de estratégias de planejamento/resolução, demonstrando que as mulheres que não foram vítimas desta violência utilizaram de estratégias de *coping* mais funcionais para lidar com situações estressoras vividas na sua relação conjugal, caracterizadas como focadas no problema, ou seja, formas de manejar a situação a fim de resolvê-la. A literatura já aponta que o uso de resoluções construtivas dos conflitos tende a estabelecer dinâmicas mais saudáveis, e neste sentido, a influência das características individuais dos cônjuges também se apresenta como importante aspecto a ser avaliado (Costa, Cenci & Mossmann, 2016).

No contexto de violência, chama atenção o maior uso de estratégias focadas na emoção, que podem ser compreendidas como maneiras menos efetivas nos esforços utilizados contra o estressor. A negação apresentou-se como uma estratégia de *coping* significativamente mais utilizada, tanto por quem sofreu, como por quem cometeu agressões psicológicas e físicas. Esta forma de enfrentamento diz respeito às estratégias

de *coping* em que o sujeito compreende que o evento estressor precisa ser suportado, utilizando formas de minimizá-lo, recusando-se a afirmar sua ocorrência, bem como não expressando os sentimentos relacionados (Folkman & Lazarus, 1980). Neste sentido, o presente estudo destaca a estratégia de negação como possível mecanismo que leva a naturalização e perpetuação da violência nos relacionamentos conjugais.

Além disto, percebe-se uma possível bidirecionalidade da violência, sobretudo a psicológica, experimentada no relacionamento íntimo das participantes, considerando que se identificaram como vítimas e também como perpetradoras de agressão contra o companheiro. Estudo realizado por Colossi et al. (2015), através de análises diádicas com casais heterossexuais, apontou que as agressões psicológicas menores foram predominantemente bidirecionais na amostra estudada.

Partindo da análise da possibilidade de associações entre as variáveis de idade e tempo de relacionamento com as estratégias de *coping* e as violências vivenciadas, não houve correlações significativas ($p > 0,05$). Estes dados se diferenciam do estudo de mapeamento realizado por Falcke, Boeckel e Wagner (2017) com casais residentes no estado do Rio Grande do Sul, em que o tempo de relacionamento e idade mostraram-se correlacionados com os índices de violência física e psicológica menor, indicando que casais mais jovens experienciavam maiores índices de violência conjugal. Pelos dados do presente estudo, identifica-se que a ocorrência de violência mostrou-se independente da idade e do tempo de relacionamento, demonstrando que este fenômeno pode apresentar-se em diferentes etapas do ciclo vital e do relacionamento. Neste sentido, a literatura vem apontando índices de violência por parceiros íntimos em diferentes etapas do desenvolvimento e do relacionamento (Andrade, Sampaio & Donard, 2020).

Em síntese, as principais estratégias de *coping* encontradas nesta amostra corroboram resultados de outros estudos que evidenciam estratégias com foco na emoção utilizadas por mulheres vítimas de violência por parceiro íntimo (Rizo, 2015; Costa et al., 2018). Estudo prévio apontou que estratégias de *coping* com foco na emoção foram preditoras de sintomas de estresse pós-traumático de mulheres que sofreram violência conjugal (Lilly & Graham-Bermann, 2010). Por outro lado, os resultados do presente estudo apontam para o cometimento de agressões das participantes em relação aos seus parceiros. Evidências demonstram que as questões de gênero estão implicadas nas

diferenças encontradas no enfrentamento do estressor entre homens e mulheres, em os homens tendem a não reconhecer suas fragilidades emocionais, e possivelmente, devido aos marcadores de masculinidade, dificilmente reconhecerão que precisam de ajuda para lidar com eventos estressores como o sofrimento de violência na conjugalidade (Liddon, Kinglerlee & Barry, 2017).

Para além dos aspectos sociais amplamente investigados neste fenômeno, diversos estudos vêm pontuando a necessidade de compreensão dos aspectos individuais que sustentam esta dinâmica multideterminada (Colossi, Marasca & Falcke, 2015; Sommer, Babcock & Sharp, 2017; Barbosa et al., 2019). Neste sentido, o *coping* é apontado como um dos fatores relacionados à violência conjugal e representa um importante analisador frente aos impactos na saúde mental dos parceiros (Lilly & Graham-Bermann, 2010), devendo constituir-se em foco de atenção em intervenção de psicoterapia com casais e na avaliação do fenômeno a partir dos recursos individuais dos sujeitos.

Considerações finais

Considerando aspectos bidirecionais de violência das mulheres em suas relações íntimas e o construto das estratégias de *coping*, os resultados desta pesquisa inovam no campo de investigações nacionais. Predominantemente, a literatura nacional tem considerado as estratégias de enfrentamento partindo de uma visão unidirecional da mulher que foi vítima de violência doméstica e, no presente estudo, verificou-se que a negação foi significativamente mais utilizada por mulheres vítimas e também por perpetradoras de violência, destacando essa dimensão como um foco importante de ser analisado nas intervenções psicoterapêuticas com mulheres em situação de violência e com casais.

Não foi avaliado neste estudo a possibilidade de quadros psicopatológicos por parte das participantes, o que pode ser considerado uma limitação do estudo. Tal fator demonstra-se importante em futuras investigações por ser evidenciado como aspecto relacionado a insatisfação conjugal, cometimento e sofrimento de violências psicológicas e físicas (Barros-Gomes et al., 2019). Além disto, de maneira inferencial, os aspectos diádicos podem influenciar na percepção do estressor e da estratégia utilizada pelas

participantes. O conceito de *coping* diádico ainda é pouco investigado frente ao manejo da violência vivenciada na dinâmica do casal, também podendo ser alvo de futuros estudos.

Sendo assim, sugere-se que novos estudos possam ser realizados com casais considerando a violência e o enfrentamento deste estressor. Espera-se com o subsídio dos resultados deste estudo auxiliar em novos delineamentos de pesquisa que possam investigar e contribuir com a avaliação clínica e manejo de estressores para prevenção do fenômeno da violência entre os parceiros íntimos. Ressalta-se a importância de intervenções preventivas com foco nas estratégias de *coping* caracterizadas como negação. Tal estratégia pode representar importante fator relacionado a capacidade de regulação emocional diante de situações estressoras e a perpetração ou sofrimento de violência nas relações íntimas.

Referências

- Andrade, T. A., Sampaio, M. A. & Donard, V. (2020). Análise da produção científica sobre a violência digital no namoro entre adolescentes. *Psico*, 51(4), e34318-e34318. <https://doi.org/10.15448/1980-8623.2020.4.34318>
- Barbosa, T. P. et al. (2019). Domínios Esquemáticos Apresentados por Mulheres em Situação de Violência Conjugal. *Revista de Psicologia da IMED*, 11(2), 51-68. Recuperado de <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7026088>.
- Barros-Gomes, P. et al. (2019). The role of depression in the relationship between psychological and physical intimate partner violence. *Journal of Interpersonal Violence*, 34(18), 3936-3960. <https://doi.org/10.1177/0886260516673628>
- Carver, C. S., Scheier, M. F. & Weintraub, J. K (1989). Assessing coping strategies: a theoretically based approach. *Journal of personality and social psychology*, 56(2), 267. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.56.2.267>
- Cezário, A. C. F. et al. (2017). Violencia Contra el Hombre y Comorbilidades: Una Revisión Sistemática de la Literatura Acerca del Abuso de Sustancias, Ansiedad y Depresión. *Perspectivas en Psicología: Revista de Psicología y Ciencias Afines*, 14(2) 83-92. Recuperado de <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6224828>

- Colossi, P. M. et al. (2015). Violência conjugal: prevalência e fatores associados. *Contextos Clínicos*, 8(1), 55-66. Recuperado de <http://revistas.unisinos.br/index.php/contextosclinicos/article/view/ctc.2015.81.06/4656>
- Colossi, P. M., Marasca, A. R. & Falcke, D. (2015). De Geração em Geração: A violência conjugal e as experiências na família de origem. *Psico*, 46(4), 493-502. <http://dx.doi.org/10.15448/1980-8623.2015.4.20979>
- Conceição, T. B. et al. (2018). Assimetria e simetria de gênero na violência por parceiro íntimo em pesquisas realizadas no Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, 23, 3597-3607. <https://doi.org/10.1590/1413-812320182311.23902016>
- Costa, C. B., Cenci, C. M. B. & Mosmann, C. P. (2016). Conflito conjugal e estratégias de resolução: Uma revisão sistemática da literatura. *Temas em Psicologia*, 24(1), 325-338. <https://doi.org/10.9788/TP2016.1-22>
- Costa, L. et al. (2018). Estratégias de enfrentamento adotadas por mulheres vítimas de violência. *Revista Enfermagem UERJ*, 26, 19334. <http://dx.doi.org/10.12957/reuerj.2018.19334>
- Falcke, D., Boeckel, M. G. & Wagner, A. (2017). Violência conjugal: mapeamento do fenômeno no Rio Grande do Sul. *Psico*, 48(2), 120-129. <http://dx.doi.org/10.15448/1980-8623.2017.2.25148>
- Flanagan, J. C. et al. (2014). The mediating role of avoidance coping between intimate partner violence (IPV) victimization, mental health, and substance abuse among women experiencing bidirectional IPV. *Psychiatry research*, 220, 391-396. <https://doi.org/10.1016/j.psychres.2014.07.065>
- Folkman, S. & Lazarus, R. S. (1980) An analysis of coping in a middle-aged community sample. *Journal of health and social behavior*, 21, 219-239, 1980. Recuperado de https://www.jstor.org/stable/2136617?seq=1#page_scan_tab_contents
- Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2019). Visível e invisível: a vitimização de mulheres no Brasil. Recuperado de <http://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2019/02/relatorio-pesquisa-2019-v6.pdf>
- Hirsch, C. D. et al. (2015). Estratégias de coping de acadêmicos de enfermagem diante do estresse universitário. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 68(5), 783-790. <https://doi.org/10.1590/0034-7167.2015680503i>
- Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (2019). Atlas da violência 2019. Brasília: IPEA, 2019. Recuperado de http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio_institucional/190605_atlas_da_violencia_2019.pdf

- Lazarus, R. & Folkman, S. (1984). *Stress, appraisal and coping*. New York: Springer.
- Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006*. (2001, 7 de agosto) Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher. Brasília, DF: Presidência da República. Recuperado em 04 abril, 2021, de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm.
- Liddon, L., Kingerlee, R. & Barry, J. (2018). A. Gender differences in preferences for psychological treatment, coping strategies, and triggers to help-seeking. *British Journal of Clinical Psychology*, 57(1), 42-58. <https://doi.org/10.1111/bjc.12147>
- Lilly, M. M., & Graham-Bermann, S. A. (2010). Intimate partner violence and PTSD: The moderating role of emotion-focused coping. *Violence and victims*, 25(5), 604-616. <http://doi.org/10.1891/0886-6708.25.5.604>
- Madalena, M., Carvalho, L. F. & Falcke, D. (2018). Violência conjugal: o poder preditivo das experiências na família de origem e das características patológicas da personalidade. *Temas em Psicologia*, 26(1), 75-91. <http://doi.org/10.9788/TP2018.1-04Pt>
- Mascarenhas, M. D. M. et al. (2020). Análise das notificações de violência por parceiro íntimo contra mulheres, Brasil, 2011-2017. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, 23. <https://doi.org/10.1590/1980-549720200007.supl.1>
- Moraes, C. L., Hasselmann, M. H. & Reichenheim, M. E. (2002). Adaptação transcultural para o português do instrumento " Revised Conflict Tactics Scales (CTS2)" utilizado para identificar violência entre casais. *Cadernos de Saúde Pública*, 18,163-176. Recuperado de https://www.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2002000100017
- Morán, C. et al. (2014). Evaluación de las propiedades psicométricas del Brief COPE, su relación con el NEO PI-R y diferencias de género en Brasil. *Universitas Psychologica*, 13(4), 15-30. <https://doi.org/10.11144/Javeriana.UPSY13-4.eppb>
- Organização Mundial da Saúde; Krug, E. G. (2002). *Relatório mundial sobre violência e saúde*. Genebra: Organização Mundial da Saúde. Recuperado de <http://www.academia.edu/download/34165228/65818661-Relatorio-Mundil-sobre-violencia-e-saude.pdf>. Acesso em: 30 set. 2019.
- Parra, S. M. & Holanda, A. (2016). Violencia doméstica contra la mujer y el uso de estrategias de afrontamiento: Producción de artículos científicos en Brasil (2000-2013). *Psicología desde el Caribe*, 33(3), 265-284. Recuperado de <https://www.redalyc.org/pdf/213/21349352004.pdf>

- Rizo, C. F. (2016). Intimate partner violence related stress and the coping experiences of survivors: “There’s only so much a person can handle”. *Journal of family violence*, 31(5), 581-593. <https://doi.org/10.1007/s10896-015-9787-6>
- Rosa, L. W. & Falcke, D. (2014). Violência conjugal: compreendendo o fenômeno. *Revista da SPAGESP*, 15(1), 17-32. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rspagesp/v15n1/v15n1a03.pdf>
- Sommer, J., Babcock, J. & Sharp, C. (2017). A dyadic analysis of partner violence and adult attachment. *Journal of family violence*, 32(3), 279-290. <https://doi.org/10.1007/s10896-016-9868-1>
- Straus, M. A. et al. (1996). The revised conflict tactics scales (CTS2) development and preliminary psychometric data. *Journal of family issues*, 17(3), 283-316. <http://doi.org/10.1177/019251396017003001>
- Zancan, N. & Habigzang, L. F. (2018). Regulação Emocional, Sintomas de Ansiedade e Depressão em Mulheres com Histórico de Violência Conjugal. *Psico-USF*, 23(2), 253-265. <http://dx.doi.org/10.1590/1413-82712018230206>